

A FÁBULA COMO RECURSO ARGUMENTATIVO

Liliane Silveira Bonorino©

RESUMO®

O objetivo deste trabalho é mostrar que menções a fábulas ou à moral que elas transmitem podem servir como estratégias argumentativas em artigo de opinião. Para isso, em primeiro lugar, será feita a análise de uma conhecida fábula de Esopo, focalizando a sua organização textual. Em segundo lugar, será analisado um artigo de opinião que faz referência a essa fábula, mostrando de que forma a história de Esopo se encaixa no conjunto dos outros argumentos. Com isso, apontam-se as inter-relações que se estabelecem entre um gênero que faz parte da memória coletiva, a fábula, e um gênero midiático contemporâneo, o artigo de opinião.

PALAVRAS-CHAVE: argumentação, fábula, artigo de opinião

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar a menção à fábula como uma estratégia argumentativa destinada a sustentar um ponto de vista. Em primeiro lugar, serão levantados os aspectos estruturais da fábula, enfatizando-se a questão discursiva do texto; em segundo lugar, será analisado um artigo que fez uso da referência a essa fábula como recurso argumentativo.

Como tem sua origem na tradição oral, a palavra *fábula* saiu do verbo latino *fabulare*, que significa "conversar, narrar". A fábula é um gênero muito antigo encontrado em praticamente todas as culturas humanas e em todos os períodos históricos. É uma pequena narrativa que serve para ilustrar algum vício ou alguma virtude e termina com uma lição de moral.

Para Savioli & Fiorin, (1991:399),

A fábula é uma narração que se divide em duas partes: a narração propriamente dita, que é um texto figurativo, em que os personagens são animais, homens, etc.; e a moral, que é um texto temático, que reitera o significado da narração, indicando a leitura que dela se deve fazer. A fábula é sempre uma história de homens, mesmo quando os personagens são animais, pois estes falam, sentem paixões humanas, etc.; o que indica que são personificações dos seres humanos. O plano de leitura é sempre relativo aos seres humanos.

Conforme expõe Bagno (2003), o caráter universal da fábula se deve, sem dúvida, à sua ligação íntima com a sabedoria popular. Devem ter sido usadas com objetivos claramente pedagógicos: a pequena narrativa exemplar serviria como instrumento de aprendizagem, fixação e memorização dos valores morais do grupo social.

A referência a esses valores morais do grupo social não se perdeu através do tempo. Até hoje as pequenas narrativas envolvendo animais são citadas quando o objetivo é discutir um comportamento humano.

1 O Lobo e o Cordeiro

Aqui neste trabalho, o processo de inclusão da fábula no gênero artigo de opinião será analisado a partir da caracterização da fábula *O lobo e o cordeiro* de Esopo, fabulista grego e precursor desse gênero:

- (1) O lobo e o cordeiro
Ao ver um cordeiro à beira de um riacho, o lobo quis devorá-lo, mas era preciso ter

uma boa razão. Apesar de estar na parte superior do riacho, acusou-o de sujar sua água, o que o impedia de matar a sede. O cordeiro se defendeu:

- Eu bebo com a ponta dos lábios e, mesmo, como eu ia sujar a água se ela está vindo daí de cima, onde tu estás?

Como ficou sem saber o que dizer, o lobo replicou:

- Sim, mas no ano passado insultaste meu pai.

O carneiro respondeu:

- Eu nem era nascido...

O lobo não se calou:

Podes te defender como quiseres que não deixarei de te devorar.

Quando alguém está disposto a nos prejudicar,
de nada adianta nos defendermos.

De acordo com Maingueneau (1996: 165), "analisam-se em geral as narrativas através de uma estrutura canônica de macroproposições sucessivas: Situação inicial (ou Orientação)→ Complicação→ Ação→ Resolução→ Situação final→ Moral".

Para esclarecer melhor cada uma dessas partes do enredo, temos as seguintes explicações dadas por Gancho (1995: 11):

1. exposição: (ou introdução ou representação) coincide geralmente com o começo da história, quando são apresentados os fatos iniciais, os personagens, às vezes o tempo e o espaço. Enfim, é a parte na qual se situa o leitor diante da história que irá ler.

2. complicação: (ou desenvolvimento) é a parte do enredo na qual se desenvolve o conflito (ou os conflitos).

3. clímax: é o momento culminante da história, é o momento de maior tensão, no qual o conflito chega a seu ponto máximo. O clímax é o ponto de referência para as outras partes do enredo, que existem em função dele.

4. desfecho: (desenlace ou conclusão) é a solução dos conflitos, boa ou má, vale dizer, configurando-se num final feliz ou não. Há muitos tipos de desfecho: surpreendente, feliz, trágico, cômico, etc.

De acordo com esses estágios da narrativa, o primeiro período mostra o estado inicial, situando o leitor: o lobo avistou o cordeiro à beira de um riacho. Após, temos a complicação: o lobo tinha que arranjar um bom pretexto para devorar o cordeiro. Com isso, começa a se suceder a ação, alternando-se a tentativa de ataque por parte do lobo e a de defesa por parte do cordeiro.

No desenrolar da ação, mesmo que o lobo não consiga elaborar um bom argumento para sustentar a sua intenção, lançando, inclusive, uma pretensa afronta do cordeiro que não está relacionada à discussão – a de que ele havia insultado o pai do lobo no ano passado – o lobo devora o cordeiro (resultado final/resolução). Mesmo que o cordeiro responda com fatos incontestáveis, os seus argumentos tornam-se inválidos frente aos do lobo, que é mais forte e mais astuto. De nada adianta a contestação do pobre cordeiro.

A fábula é finalizada com a lição de moral que tematiza o poder do mais forte frente ao mais fraco. Essa lição reforça a idéia de que "contra a força não há argumentos", ou também, como está presente em outras versões: "para aqueles cujo propósito é injusto, nenhuma justificativa tem valor".

A análise da estrutura e do funcionamento argumentativo da narrativa torna mais visível o teor educativo expresso na moral, cujo desenvolvimento se direciona ao desfecho desejado pela lição transmitida. No caso da narrativa de *O lobo e o cordeiro*, os acontecimentos se deram a fim de explicar a questão do

sucesso do homem mais forte na sociedade. Cabe ressaltarmos que a lei do mais forte nem sempre é a mais justa, mas é a que geralmente prevalece.

Na percepção de Savioli & Fiorin (1991:398), “a fábula mostra um descompasso existente entre o discurso e as ações. Cada fábula revela um mecanismo discursivo de que se valem as pessoas para mascarar seus propósitos, para encobrir suas intenções, para alterar o significado de seus atos. Nesse sentido, a fábula é uma história sobre as estratégias discursivas dos seres humanos”.

Ao transpor essa acepção para a fábula do lobo e o cordeiro, é notória a preponderância do discurso e das ações do mais forte (representado pela figura do lobo) sobre o mais fraco (na figura do cordeiro), em que se é utilizado o mecanismo discursivo do pretexto, ou seja, apesar de o lobo não precisar disso, ele quer manifestar uma boa desculpa para justificar a sua atitude e ser o “bom” da história. Desse modo, o lobo arranja uma desculpa qualquer e realiza o seu propósito para com o cordeiro.

2 A lei do mais forte

Após ter visto como se articulam os elementos constituintes de uma fábula, apresentamos o segundo momento deste trabalho, que corresponde à análise do texto de Carlos Heitor Cony (Folha de São Paulo, 11/02/03), também intitulado de *O lobo e o cordeiro*, que será exposto em partes:

(2)

O lobo e o cordeiro

Se tivesse autoridade para dar conselhos ao presidente Bush e ao primeiro-ministro Tony Blair, pediria que eles lessem a fábula de Esopo, que tem versão latina em Fedro e francesa em La Fontaine. Deve ter alguma versão em inglês, que não conheço.

O título do artigo de opinião repete o título da fábula. No parágrafo inicial, a

fábula de Esopo é mencionada explicitamente. O tom irônico é percebido pelo comentário de que “deve ter alguma versão em inglês, que não conheço”, que pode ser interpretado levando em consideração o posicionamento dos Estados Unidos perante os outros países: sua auto-suficiência como língua universal, entre outros poderes, os colocam como o centro do mundo em que seria impossível não ter uma versão que não seja em inglês. Já que todos devem saber sua língua, eles não precisam saber a dos outros países e, por isso, deve haver uma versão inglesa.

Percebemos, na expressão “Se tivesse autoridade”, o primeiro indício de poder referido ao mais forte (representado nas figuras de Bush e Blair) sobre o mais fraco (o Iraque), pois quem seria o autor para sugerir algo para duas pessoas tão poderosas quanto Bush e Blair. Essa idéia é reforçada no segundo parágrafo, em que o autor faz analogia à fábula do lobo e o cordeiro.

(3) Lendo a fábula do mais forte que vai devorar o mais fraco, eles não teriam passado pelo vexame da semana passada, quando anunciaram como provas da periculosidade do Iraque um documento montado por estudantes como exercício acadêmico.

Na concepção de Abreu (2000: 64), “quando queremos argumentar pela analogia, utilizamos como tese de adesão inicial um fato que tenha uma relação com a tese principal”. Neste caso, a analogia foi realizada para reforçar a tese defendida pelo autor: a de que o mais forte não precisa de argumentos para vencer o mais fraco. É o que acontece com o governo de Bush *versus* o do Iraque.

No terceiro parágrafo, novamente a alusão histórica é utilizada como recurso argumentativo, desta vez tratando de um acontecimento brasileiro, o Plano Cohen, documento forjado que se referia a uma

pretensa conspiração comunista para tomar o poder.

- (4) Nem novidade foi. No Brasil, em 1937, o Plano Cohen foi também um exercício acadêmico, feito por integralistas, para imaginar como os comunistas tomariam o poder. Batido à máquina pelo capitão Mourão Filho, foi arrancado da Remington do ministério da Guerra, mostrado ao Estado Maior das Forças Armadas e ao Presidente da República, como o plano real de iminente tomada do poder pelos comunistas.

Serviu de pretexto para o golpe de 10 de novembro de 37, que instalou a ditadura do Estado Novo. Neste caso, a fábula de Esopo teria sido inútil, pois o governo de Vargas necessitava mesmo de um pretexto para vencer a parada e o encontrou num documento forjado.

Neste momento, a referência ao Plano Cohen foi utilizada para ilustrar como às vezes os pretextos dos mais fortes, mesmo que sejam forjados, são necessários para vencer os mais fracos. Nesta afirmação, outro recurso argumentativo utilizado: a comparação de Vargas com o lobo, mas aquele não consegue ser igualado a este, pois Vargas precisava de um pretexto para vencer o adversário, enquanto o lobo não.

No quinto parágrafo, retorna-se a falar de Bush e de Blair com a questão de que eles são fortes e que não precisam de argumentos para vencer o inimigo.

- (5) O mesmo não acontece com Bush e Blair. Eles não precisam inventar pretextos para destruir o Iraque, podiam se poupar do ridículo de um documento apócrifo que tinha até erros gramaticais.

Assim, temos a antecipação da moral que, no próximo parágrafo, é manifestada.

- (6) O direito do mais forte, para os fortes, é sagrado e dispensa explicações. O lobo da

fábula acusou o cordeiro de sujar a água que ele bebia. O cordeiro provou que não podia sujar a água, estava abaixo do lobo; a água que bebia, sim, é que podia estar suja pelo lobo.

Mas o lobo invocou outro argumento: "No ano passado, o seu pai sujou a minha água". E devorou o cordeiro.

Bush e Blair não precisavam inventar esta desculpa, acrescentando à voracidade da gula a esperteza da mentira.

Esse segmento do texto, além de conter a moral de que "contra a força não há argumentos", também apresenta a narração de uma versão do lobo e o cordeiro. Isso é feito para dar mais sustentação teórica à matéria, pois o autor conta a versão que ele considera mais cabível e não confia apenas no conhecimento prévio do leitor. Cony conduz o leitor à sua contextualização, a fim de garantir a interpretação da sua tese.

Ao recontar a fábula, o autor expõe uma versão um pouco diferente daquela que foi analisada no primeiro momento. Na versão exposta pelo jornalista, o lobo utiliza o argumento de que o pai do cordeiro havia sujado a sua água; na outra versão de Esopo, o lobo acusa o cordeiro de ter insultado o seu pai. Porém, a solução encontrada pelo lobo continua a mesma em ambas as versões: ele devora o cordeiro.

Por fim, no último parágrafo, o autor reforça a alusão feita à fábula:

- (7) Bush e Blair não precisavam inventar esta desculpa, acrescentando à voracidade da gula a esperteza da mentira.

Bush e Blair, assim como o lobo, não precisavam de uma desculpa para devorar o Iraque; porém, eles providenciaram uma para amenizar qualquer indício de injustiça para com o Iraque. E dessa maneira, eles também seriam os inocentes da história.

Em vista da perspectiva do uso da fábula como recurso argumentativo, pode-se retomar as palavras de Savioli & Fiorin (1991:399):

Se lermos qualquer fábula com bastante atenção, verificaremos que seu ensinamento não está na moral, mas no fato de pôr a nu as estratégias de comunicação de que se valem os homens, ou então as contradições que permeiam a vida humana. A fábula mostra de maneira explícita o que outras narrações revelam implicitamente: os expedientes discursivos utilizados para ludibriar os outros, para fazer nossos atos parecer o que não são, para camuflar nossas reais intenções. A fábula deixa patente que o discurso, muitas vezes, é usado não para desvendar a realidade, mas para ocultá-la.

CONCLUSÃO

Este artigo procurou demonstrar a importância do estudo da inter-relação entre os diversos gêneros textuais que fazem parte da nossa cultura. Uma fábula pode ser estudada isoladamente, levando em consideração sua estrutura normalmente subdividida: uma historinha, da qual fazem parte animais, e uma moral, que pretende ensinar uma lição. Esse gênero por si só já tem uma função social.

Mas, como foi visto, a narração de uma fábula e a referência explícita à sua moral podem também fazer parte integrante de um artigo de opinião. Nesse caso, a fábula e sua moral não têm um valor independente, e estão subordinadas às regras argumentativas do texto, auxiliando um autor a defender a sua tese.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Antônio Suárez. **A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

BAGNO, Marcos. **Fábulas fabulosas**. Disponível em: <<http://www.redebrasil.tv.br/salto/cronograma2003/vdt/vdttxt3.htm>>. Acesso em 14 abr. 2003.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

MAINGUENEAU, Dominique. **Elementos de lingüística para o texto literário**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SAVIOLI, F.P. & FIORIN, J.L. **Para entender o texto: leitura e redação**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.

NOTA

© Aluna do 7º semestre do Curso de Letras, orientanda da Profª. Dra. Nina Célia Barros junto ao Grupo de Pesquisa "Linguagem como Prática Social".